



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## UM BIBLIOTECÁRIO DE CORAÇÃO MELANCÓLICO: LUÍS JOAQUIM DOS SANTOS MARROCOS E A PRÁTICA DE ESCRITA DE CARTAS

Adriana Angelita da Conceição\*

1

Os sentimentos são variados e cada ser humano sente-os ao seu modo. Diferentes situações despertam os nossos sentidos e de modo individual ou coletivo compartilhamos sensibilidades. A maneira pela qual manifestamos o que se passa do lado de dentro é singular para cada ser, mas uma particularidade que não está isolada de um contexto partilhado e vivido em sociedade. O que sentir quando nos deparamos com o diferente? Com as ansiedades despertadas pela distância? Com o outro? Com mudanças políticas e socioculturais em um território distante? Sabemos que as aflições diante do novo são partilhadas por aqueles que se aventuram a deixar algo para trás e dar início a uma nova vida. Em 1978, o cantor e compositor Caetano Veloso lançou o álbum *Muito – dentro da estrela azulada*, no qual consta a canção *Sampa*. Nesta música de renomado sucesso, Caetano Veloso representou suas angústias como um migrante baiano que deixou o nordeste para encerrar a cidade de São Paulo – sentimentos que

---

\* Possui graduação em História (2003) e mestrado em História Cultural (2006) desenvolvidos na Universidade Federal de Santa Catarina. Desenvolveu a tese (2011) *Sentir, Escrever e Governar. A prática epistolar e as cartas de D. Luís de Almeida, 2º marquês do Lavradio (1768-1779)*, junto à Universidade de São Paulo (financiada pela FAPESP). Tem experiência em História Colonial e História da Cultura Escrita.

muitos migrantes sentiam e ainda sentem ao depararem-se com a cidade que é o “avesso do avesso do avesso”.<sup>1</sup> Na terceira estrofe, Caetano expressou:

Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto.  
Chamei de mau gosto o que vi, de mau gosto, mau gosto.  
É que Narciso acha feio o que não é espelho.  
E à mente apavora o que ainda não é mesmo velho.<sup>2</sup>

Nestas palavras percebemos os desassossegos de Caetano diante do diferente, expressos claramente no trecho “É que Narciso acha feio o que não é espelho”. Diante do estranho, as velhas referências continuam sendo o termômetro que baliza as intermediações com o novo.

A rápida passagem por esta bela canção teve a intenção de introduzir o principal tema deste trabalho, pensar e refletir em torno das sensibilidades de um bibliotecário português ao chegar ao Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX. Estamos falando de Luís Joaquim dos Santos Marrocos que representou ao pai, através da prática de escrita de cartas, seus sentimentos ao passar a viver longe da família, dos amigos e da terra – e em um momento muito peculiar das relações entre Brasil e Portugal. Luís Joaquim nem tinha chegado ao seu destino quando escreveu a primeira carta ao pai nas proximidades da ilha de Cabo Verde, manifestando “Esta he feita entre Ceo e agoa, sobre mil afflições, desgostos | e trabalhos, quaes nunca pensei sofrer; pois tendo sahido da | barra de Lisboa com vento de feição, mal chegámos ao mar | largo [...]”.<sup>3</sup> Mas, o que Luís Joaquim nunca imaginava passar? Certamente, a aventura de deixar Lisboa e dirigir-se à cidade do Rio de Janeiro que desde 1808 transformara-se na nova capital do império português.

As cartas de Luís Joaquim datadas de abril de 1811 a março de 1821 são as fontes de análise deste trabalho. O acervo está custodiado na Biblioteca da Ajuda em Lisboa e é formado por 185 cartas, das quais: 165 foram enviadas ao pai e o restante à irmã, a um tio e a outros conhecidos. Este epistolário já passou por dois processos de edição. Em 1939, os Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em homenagem a

---

<sup>1</sup> VELOSO, Caetano. Sampa. **Muito – dentro da estrela azulada**, 1978.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> Biblioteca da Ajuda (BA), Lisboa, Portugal (PT). Cota: 54-VI-12\_1a. As referências às citações das cartas serão feitas do seguinte modo: PT-BA. 54-VI-12. Quanto à transcrição: conferir nota 07.

um de seus primeiros funcionários, publicou as cartas.<sup>4</sup> Segundo Rodolfo Garcia, diretor da Biblioteca Nacional na época, por intermédio do escritor Luiz Edmundo, que conseguiu realizar cópias autênticas das cartas, os documentos foram publicados, sendo que até então, as cartas permaneciam inéditas e só tinham sido usadas pelo pesquisador Oliveira Lima, no seu livro *D. João VI no Brasil*, publicado em 1908. O segundo processo de edição se deu quase sete décadas depois, em 2008. A Biblioteca Nacional de Portugal – responsável pela Biblioteca da Ajuda – onde as cartas estão custodiadas, dentro das atividades de comemoração do segundo centenário da ida da família real ao Rio de Janeiro, publicou integralmente os documentos, por meio de uma edição modernizadora e não fac-similar.<sup>5</sup> No entanto, as citações das cartas, neste estudo, não serão feitas através das edições, mas do original, do qual fizemos uma edição semi-diplomática,<sup>6</sup> – acreditando que assim podemos nos relacionar de modo mais direto com as sociabilidades vividas por Marrocos.<sup>7</sup>

No início de 1811, Luís Joaquim dos Santos Marrocos deixou a cidade de Lisboa e se aventurou a atravessar o oceano Atlântico na fragata Princesa Carlota para cumprir uma missão real, ao ser delegado a transportar a segunda remessa de livros da Real Biblioteca da Ajuda. O vasto e rico acervo da Real Biblioteca chegou ao Brasil em três etapas e seu deslocamento fazia parte dos planos portugueses de levar ao Brasil todo o aparato da corte. A primeira parte do acervo chegou em 1810 e tinha sido esquecida no porto durante a agitada partida da corte. Estes caixotes foram acompanhados por José Joaquim de Oliveira, servente da biblioteca, que ficou responsável não só por livros, mas, também pelos “‘estratégicos’ Manuscritos da Coroa e uma coleção de 6 mil códices que se achavam em um arquivo reservado na Livraria do

<sup>4</sup> Cartas de Luiz Joaquim dos Santos Marrocos, escritas do Rio de Janeiro à sua família em Lisboa, de 1811 a 1821. *Anais da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, volume 56, 1939.

<sup>5</sup> *Cartas do Rio de Janeiro: 1811-1821/Luís Joaquim dos Santos Marrocos*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2008.

<sup>6</sup> De modo simplificado, uma edição semi-diplomática permite, durante a transcrição, algumas intervenções no documento. Eis os critérios que escolhemos: não desenvolvemos as abreviaturas; respeitamos a gramática e a ortografia, a divisão das linhas foi preservada e indicada pela marca de uma barra vertical [ | ] e a mudança de fôlio foi marcada por duas barras verticais [ || ]; estabelecemos a fronteira vocabular entre palavras que estavam escritas juntas; e todas as variantes alográficas do grafema <s> foram transcritas como “s”.

<sup>7</sup> Fizemos cópia da digitalização das cartas de Marrocos através de financiamento da *Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo* – FAPESP. Processo n° 2007/59131–6.

Paço das Necessidades, em Lisboa”.<sup>8</sup> A segunda leva de livros chegou em junho de 1811, na companhia do ajudante de bibliotecário Luís Joaquim dos Santos Marrocos, nosso personagem de análise. E, por fim, a última expedição da biblioteca, acompanhada por José Lopes Saraiva, composta por 87 caixas, aportou na charrua São João Magnânimo no porto da nova capital, em novembro de 1811, onde uniu-se as outras 230 caixas que já estavam no Brasil.<sup>9</sup>

Entre as mil aflições, destacadas por Marrocos, na primeira carta que escreveu, certamente, uma ou mais estavam relacionadas a arriscada missão, atravessar o oceano cuidando e guardando algo tão valioso, como parte do acervo da Real Biblioteca. A fragata Princesa Carlota chegou ao Rio de Janeiro cheia de avarias, como o próprio Marrocos registrou:

Em fim tudo aqui he húa desordem, pela fal | ta de provid.<sup>as</sup> em tudo: todas as cordas da Fragata estaõ podres, | menos as enxarcias; todas as velas estaõ avariadas, de sorte q se | rasgaõ com qual.<sup>r</sup> viraçaõ: a tripulaçaõ não presta; e em se | melhante estado ficaremos perdidos, se por nossa desgraça for mos | acomettidos de algum temporal rijo. [...] se | eu soubera o estado, em q existe a Fragata Princeza Carlota, | repugnava absolutam.<sup>te</sup> de metter-me nella e a Livraria.<sup>10</sup>

4

O bibliotecário fez estas constatações ainda em travessia e não sabia se chegaria vivo e cumprindo a missão de guardar o tesouro real. Porém, chegou são e salvo e em tempo de comprar bilhetes da primeira loteria do Teatro de São João “que começaram a ser vendidas no dia 15 de maio, para correr a sorte no dia do Santo”,<sup>11</sup> conforme registrou Rodolfo Garcia. O teatro São João estava sendo construído e fazia parte das políticas do príncipe regente, D. João, de transformar o Rio de Janeiro não apenas em capital política, mas também cultural, financiando além do teatro, o jardim botânico, o museu, o novo jardim do passeio público, dentre outras iniciativas.

Luís Joaquim dos Santos Marrocos e seu pai, Francisco José dos Santos Marrocos, eram funcionários da biblioteca da Real Ajuda, sendo que Luís Joaquim

---

<sup>8</sup> SCHWARCZ, Lília K. Moritz, **A longa viagem da biblioteca dos reis** - do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p. 266.

<sup>9</sup> Ibid., p. 269.

<sup>10</sup> PT-BA. 54-VI-12\_1b.

<sup>11</sup> GARCIA, Rodolfo. Introdução. In: \_\_\_\_\_. Cartas de Luiz Joaquim dos [...] *Anais da Biblioteca Nacional*. [...]. p. 06

atuava como ajudante de bibliotecário desde 1802. Assim, com a ida do rei para o Brasil, todos os aparatos materiais e simbólicos da corte também atravessaram o Atlântico. Muitos estudos tratam do deslocamento da corte portuguesa para o Brasil e afirmam que esta decisão não foi impensada, mas que fez parte de um contexto de importantes e cruciais decisões para a permanência do império luso e foi articulada pelos principais estadistas portugueses. Portanto, enfatizamos que o conteúdo do epistolário de Luís Joaquim é de destacada relevância para o estudo deste período. Quando a corte chegou ao Rio de Janeiro, os impactos da instalação foram grandes, especialmente, a dificuldade de instalação, que se uniu “a necessidade de novos melhoramentos urbanísticos, bem como nos prédios e habitações, a urgência no envio de víveres e gêneros de abastecimento e a preocupação com formas de controle de seus habitantes são apenas alguns aspectos que cercaram o cotidiano desse processo”,<sup>12</sup> de acordo com os estudos de Slemian e Pimenta. Ainda cabe ressaltar que as cartas de Marrocos nos ajudam a compreender o cotidiano da cidade com a chegada da corte, a consolidação dos interesses políticos e econômicos dos reinóis no Brasil e a instabilidade política do governo de D. João VI,<sup>13</sup> além de muitos aspectos das sensibilidades e sociabilidades de quem abandonou a terra natal em nome do serviço ao rei. Portanto, neste texto, nosso interesse se concentra em pensar as sensibilidades expressadas por Marracos, como objeto de estudo da História.

Na primeira metade do século XX, o pesquisador Lucien Febvre publicou um estudo intitulado *La sensibilité el l’histoire: comment reconstituer la vie affective d’autrefois?*, marcado por um questionamento nada fácil de ser respondido e por uma constatação: “La Sensibilité et l’Histoire: sujet neuf”.<sup>14</sup> Do questionamento de Febvre até hoje, muito tempo já se passou, entretanto, ainda podemos considerar que explorar o campo das sensibilidades e as reconstituições afetivas do outro no tempo, todavia persiste como algo novo nos estudos culturais e sociais do passado. O objetivo de Febvre com esta análise era propor que o estudo das sensibilidades fizessem parte das

---

<sup>12</sup> SLEMIAN, Andréa; João Paulo G. PIMENTA. **A corte e o mundo uma história do ano em que a família real portuguesa chegou ao Brasil**. São Paulo: Alameda, 2008, p 64.

<sup>13</sup> SLEMIAN, Andréa. **Vida política em tempo de crise: Rio de Janeiro (1808 – 1824)**. São Paulo: Hucitec, 2006, p. 33.

<sup>14</sup> FEBVRE, Lucien. *La sensibilité el l’histoire: comment reconstituer la vie affective d’autrefois?* In: [...], 1987, p. 95.

preocupações historiográficas – “je demande l’ouverture d’une vaste enquête collective sur les sentiments fondamentaux des hommes et leurs modalités”.<sup>15</sup> A proposta de Febvre é um convite a mergulhar no que há de mais subjetivo e menos palpável, ou seja, refletir em torno dos sentimentos. O estudo das maneiras pelas quais manifestamos as emoções nos diz muito do contexto individual e coletivo de uma determinada sociedade. Com isso, enfatizamos que nosso objetivo com as cartas de Luís Joaquim é refletir suas representações dos sentimentos.

A historiadora Lilia Schwarcz possui destacados trabalhos sobre o período da chegada da corte ao Brasil e ao ler as cartas de Marrocos o denominou como “nosso mal-humorado bibliotecário”,<sup>16</sup> diante das ininterruptas reclamações e resmungos presentes em suas cartas, especialmente, nas primeiras. Para o pesquisador Rodolfo Garcia, Luís Joaquim era “um individuo doente, portador de terríveis hemorroidas, cujas características clínicas são, como se sabe, a irritabilidade e o mau humor; considere-se também que seus males podiam ser agravados pela aspereza do clima do Rio de Janeiro, ou pelo sistema alimentar da terra, que era obrigado a adotar”.<sup>17</sup> Diante destes diagnósticos, nos perguntamos: mas, será que seria apenas mal humor ou o coração de Marrocos se alimentava de um profundo sentimento de melancolia? No início do século XVIII, Rafael Bluteau, no seu importante dicionário, definiu a melancolia como “Tristeza, que de ordinario procede de humor melancolico. Para os que tem este humor, saõ sementeiras de penas. Tudo o que elles vem, os molesta. Quando lhes faltaõ motivos de sentimento, a imaginação lhos ministra.”<sup>18</sup> Embora, nosso objetivo não seja fazer um estudo psicanalítico das cartas de Luís Joaquim e diagnosticá-lo como melancólico, vamos considerar esta tristeza, destacada por Bluteau, como característica fundamental do sentimento que o cercava e era representado em

<sup>15</sup> EBVRE, Lucien. **La sensibilité**... cit., p. 109. Embora em 2006 tenha sido publicada a obra *História e sensibilidade* (ERTZOGUE, M. e PARENTE, T.) e ainda devêssemos considerar os avanços analíticos produzidos pelo grupo de trabalho de História Cultural da ANPUH, os estudos nacionais continuam caminhando lentamente no que se refere à história das sensibilidades.

<sup>16</sup> SCHWARCZ, Lília K. Moritz, **A longa viagem da biblioteca dos reis** - do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2002, p. 268.

<sup>17</sup> GARCIA, Rodolfo. Introdução. In: \_\_\_\_\_. Cartas de Luiz Joaquim dos [...] *Anais da Biblioteca Nacional*. [...]. p. 11.

<sup>18</sup> BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario Portuguez & Latino, aulico, anatomico, rchitectonico [...]**. Coimbra, 1712 – 1728. p. 404. Exemplar digitalizado e disponível nos endereços: [www.ieb.usp.br](http://www.ieb.usp.br) e [www.brasiliana.usp.br](http://www.brasiliana.usp.br).

suas cartas. A melancolia pode ser estudada entre a encruzilhada da psicologia e da cultura, por estar envolvida por um estilo que pode ser individual e coletivo – aqui nos interessa o viés cultural que marcou a vida desde português no importante contexto de transferência da corte para a América. A produção epistolar de Marrocos, especialmente, nos primeiros anos no Brasil, é contornada por um sentimento de tristeza, justificado pela distância e não reconhecimento afetivo entre seus interesses e as configurações do Rio de Janeiro, que embora já fosse sede da corte, ainda estava longe de uma adequada configuração sociocultural do que podia ser denominado corte.

De acordo com Francisco José Gomes Correia, um dos organizadores do estudo *O rosto escuro de Narciso: ensaios sobre literatura e melancolia*, o melancólico vive constantemente em atitude de queixa e a faz para chamar a atenção do outro.<sup>19</sup> Assim, Correia reconhece a melancolia como um aspecto mítico, como a falta de algo que nunca se teve – “enquanto a nostalgia decorre de uma perda, a melancolia deriva de uma falta”.<sup>20</sup> O estudo que propomos da correspondência de Marrocos não é uma análise literária, mas vamos considerar o momento da escrita como uma ocasião de manifestação das sensibilidades. Ainda para Correia, “a linguagem, para ele (o melancólico), é o meio de traduzir a fratura do espírito ante a perda do Sentido Absoluto, matriz do sentimento melancólico cristão, instalado no homem por força do pecado original”.<sup>21</sup> Luís Joaquim encontrava na expressão da linguagem escrita a oportunidade de compartilhar a fratura consequente da distância e das relações com o diferente.

Na quarta missiva escrita, em julho de 1811, Marrocos começou expressando que todas as vezes que pegava na pena para escrever ao pai se sentia mais alegre, aliviando-se do desgosto fruto da distância entre eles. Na sequência anunciou que passava a se interessar pelas conversas com homens de valimento e honra, desenferrujando a língua e buscando assegurar um bom posicionamento social na nova corte. Porém, isso fazia-o abandonar seu “misantropismo; pois as circust.<sup>as</sup>”, em q estou,

---

<sup>19</sup> COREIA, Francisco José Gomes (Chico Viana). Melancolia: sentido e forma. In: VIANA, Chico; GINZBURG, Jaime; SCLiar, Moacyr. (Orgs.) **O rosto escuro de Narciso: ensaios sobre literatura e melancolia**. João Pessoa: Idea, 2004, p. 33

<sup>20</sup> Ibid., p. 22.

<sup>21</sup> Ibid., p. 13.

obrigaõ-me a ser abelhudo, me | sureiro, e orador, qualid.<sup>es</sup> estas até aqui bem contrarias ao meu genio”.<sup>22</sup> Neste trecho, Luís Joaquim deixou evidente que suas opções por se afastar do convívio social, marcadas pela tristeza que sentia, algumas vezes tinham que ser diminuídas, pois precisava interagir com os meios sociais da ascendente sociedade de corte do Rio de Janeiro.

Na sociabilidade epistolar, remetente e destinatário, envolvem-se em um pacto no qual escrever e responder passa a ser uma premissa fundamental. Quando Marrocos escreveu a primeira carta ao pai, declarou: “Espero q V. M.<sup>ce</sup> me escreva, | logo q receber esta”,<sup>23</sup> buscando enfatizar que a partir daquele momento, gostaria de pactuar com o pai a mútua troca de cartas. Porém, a prática de escrita de Marrocos, nem sempre foi contemplada com uma resposta, acentuando as inquietações de quem já tinha o oceano Atlântico separando-o dos entes queridos. No final de julho de 1811, escreveu

He p.<sup>a</sup> mim a | maior desconolação qd.<sup>o</sup> vejo chegar Navios de Lx.<sup>a24</sup>, e não acho Cartas: entro a formar ideas | sinistras, q me transtornaõ todos os meus sentidos: por tanto rógo-lhe q me escreva sempre por | todos os Navios, ainda q seja dar-me parte da sua saude, e da Mãy, e de mais familia |.<sup>25</sup>

Trechos semelhantes vão caracterizar grande parte da correspondência de Luís Joaquim, sempre rogando por respostas do pai. Devemos considerar que as relações com o tempo-espaço do início do século XIX são muito diferentes da nossa, uma carta podia levar até 60 dias para chegar em Lisboa o que fazia com que uma troca epistolar se fosse eficiente podia levar até quatro meses para se concretizar. Depois de reclamar da ausência de respostas, descreveu como vinha passando: “Eu tenho curtido hum grande defluxo procedido do ar infernal desta terra, e te | nho soffrido húa grd.<sup>e</sup> hemorragia de sangue pelo naris; por cuja causa estou temendo os | grd.<sup>es</sup> calores do veraõ, por q me haõ de affligir muito”.<sup>26</sup> Nesta carta encontramos características que nos ajudam a reconhecer em Marrocos sentimentos melancólicos. Para Correia, o melancólico liga suas queixas “à base narcísica, sobre a qual ele escolhe o objeto; por

<sup>22</sup> PT-BA. 54-VI-12\_4.

<sup>23</sup> PT-BA. 54-VI-12\_1c.

<sup>24</sup> Lisboa.

<sup>25</sup> PT-BA. 54-VI-12\_5.

<sup>26</sup> PT-BA. 54-VI-12\_5.



conta do narcisismo, preserva-se concomitantemente ao sofrimento, decorrente da perda, um traço de egocentrismo que faz o melancólico cobrar, exigir a atenção dos outros”.<sup>27</sup> Marrocos destacou o *ar infernal* do Rio de Janeiro por não se reconhecer no novo ambiente, enfatizando suas moléstias e rogando a atenção dos familiares – comportamento característico de um coração melancólico.

Depois de julho, Luís Joaquim só escreveu ao progenitor em outubro, “Meu prezadissimo Pay e S.<sup>r</sup> do meu C.<sup>28</sup> Depois de ter sofrido continuas afflições | e incalculaveis desgostos pela falta absoluta de suas letras [...] chegou finalmente, o gostosissimo momen | to, em q recebi a 1<sup>a</sup> Carta com data de 11 de Julho”.<sup>29</sup> Contou que no Rio de Janeiro mantinha a função de bibliotecário da Biblioteca Real, mas, com o privilégio de ser responsável pelos Manuscritos da coroa, que ficavam no Paço, junto do monarca, o que o permitia beijar as mãos do rei todos os dias às 7 horas da manhã. Destacou que a resposta do pai tinha sido como um manjar “do maior appetite p.<sup>a</sup> q.<sup>m</sup> vive neste Mundo Novo”,<sup>30</sup> delineando claramente sua relação com o novo (Rio de Janeiro) e o velho (Lisboa) – uma relação que foi se metamorfoseando ao longo do tempo. Na continuação da carta passou a discursar em torno da possibilidade do deslocamento do restante da família para o Brasil. O primeiro ponto foram os problemas e perigos da travessia,

[...] he perniciosissimo, e de | toda a consequencia expôr-se ao enjôo maritimo, q faz (parece) arrancar as entra | nhas e rebentar as veias do corpo [...] além disto o susto do mar, trovoadas e aguaceiros, balanços e | submersoés do Navio não são couzas ridículas p.<sup>a</sup> q.<sup>m</sup> não he grosseiro.<sup>31</sup>

Luís Joaquim preocupava-se com a mãe que já vivia doente e ele temia que não resistisse a travessia, concluindo “Ora q.<sup>m</sup> vem de Lx.<sup>a</sup> p.<sup>a</sup> aqui, desmaia e esmorece”<sup>32</sup>, destacando as epidemias de moléstias causadas pelos vapores “crassos e corruptos do

---

<sup>27</sup> COREIA, Francisco José Gomes (Chico Viana). Melancolia: sentido e forma. In: VIANA, Chico; GINZBURG, Jaime; SCLIAR, Moacyr. (Orgs.) **O roso escuro de Narciso**: ensaios sobre literatura e melancolia. João Pessoa: Idea, 2004, p. 33.

<sup>28</sup> Coração.

<sup>29</sup> PT-BA. 54-VI-12\_6a.

<sup>30</sup> PT-BA. 54-VI-12\_6c.

<sup>31</sup> PT-BA. 54-VI-12\_6c.

<sup>32</sup> PT-BA. 54-VI-12\_6c.

terreno, e hu | mores pestíferos da negraria e escravatura”.<sup>33</sup> Como vemos, as palavras utilizadas por Marrocos para definir e descrever a nova corte não eram as mais agradáveis e estavam carregadas da ideia de que “Narciso acha feio o que não é espelho”. Com isso, não queremos dizer que suas observações não eram verdadeiras, mas que se destacavam diante das primeiras e más impressões que fez do Rio de Janeiro, pois seu discurso mudou, passados alguns anos.

Em fins de fevereiro de 1812, escrevendo a décima terceira carta, o bibliotecário segurou a pena com desgosto diante do silêncio que avistava todas as vezes que olhava para o mar e nada recebia dos navios que atracavam no Rio de Janeiro. Assim, desabafou, “Neste triste estado as | sim vou passãdo a m.<sup>a</sup> vida, esperando a cada passo alguma molestia, que | venha terminar meus dias, pois q ellas grassaõ aqui de continuo, e eu naõ tenho forças para resistir, nem cabeça para as soffer”<sup>34</sup>. Para a psicanálise, de acordo com Correia, a repetição discursiva é fruto da fixação no objeto perdido, naquilo que foi e agita internamente os sentimentos e emoções.<sup>35</sup> Portanto, ao analisarmos a correspondência de Luís Joaquim constatamos as inúmeras repetições em torno da ausência de respostas, enfatizando a falta do contato como o sentimento que alimentava sua tristeza. Ainda na mesma carta, confessou: “Rogo a V. M.<sup>e</sup> se naõ esqueça de me escrever, m.<sup>mo</sup> até p.<sup>a</sup> me aliviar | a melancolia em que vivo continuamente [...]”<sup>36</sup> Ou seja, a escrita do pai servia como um tipo de antídoto a melancolia que o rodeava.

Talvez Luís Joaquim dos Santos Marrocos tivesse sido diagnosticado, nos seus primeiros anos no Rio de Janeiro, como um homem de coração melancólico, ligando-se a patologia da depressão. Para Sandra Edler, que estudou a obra *Luto e Melancolia* de Sigmund Freud,

[...] na história do pensamento, o termo melancolia revelou extraordinária longevidade e, mais do que isso, resistiu à desvinculação de suas raízes, atravessando a época clássica e o

---

<sup>33</sup> PT-BA. 54-VI-12\_6c.

<sup>34</sup> PT-BA. 54-VI-12\_13a1.

<sup>35</sup> COREIA, Francisco José Gomes (Chico Viana). Melancolia: sentido e forma. In: VIANA, Chico; GINZBURG, Jaime; SCLIAR, Moacyr. (Orgs.) **O roso escuro de Narciso**: ensaios sobre literatura e melancolia. João Pessoa: Idea, 2004, p. 13.

<sup>36</sup> PT-BA. 54-VI-12\_13b.

Renascimento. O deslocamento para o termo depressão se deu apenas na primeira metade do século XIX e ampliou-se extraordinariamente durante o século XX e o início do século XXI.<sup>37</sup>

Nosso objetivo não é definir o quadro depressivo de Marrocos, mas perceber que suas cartas nos ajudam a compreender as sensibilidades que ele compartilhou com o pai e que nos mostram os sentimentos de um homem que abandonou a família e a terra para servir o rei. Portanto, os sentimentos de tristeza e profundo desalento, presentes em suas cartas, caracterizam sua relação com o outro diante dos desassossegos suscitados pela distância e pelo convívio com o diferente. No entanto, com o passar do tempo, o olhar de Marrocos para o Rio de Janeiro foi mudando e, conseqüentemente, seus humores e relações com a nova capital foram gerenciando estas mudanças, que talvez, o teriam *curado* da depressão.

O casamento de Luís Joaquim pode ter sido um dos primeiros motivos da mudança de olhar em relação a nova corte. Em fins de 1813, noticiou seu casamento à família: “devo declarar a V.M.<sup>ce</sup> q achei nesta | Corte húa pessoa, a quem escolhi p.<sup>a</sup> vir a ser m.<sup>a</sup> mulher”,<sup>38</sup> e conforme contou à irmã, “encostei-me a huma Carioca, | q só tem o unico defeito de ser Carioca”.<sup>39</sup> Tratava-se de dona Ana Maria de Santiago Sousa, filha do português José de Sousa Mursa e da brasileira dona Francisca das Chagas de Santa Teresa.<sup>40</sup> Marrocos contou à família que sua *sinhazinha* não se interessava por moda, não sabia dançar e nem tocar nenhum instrumento e nem sabia servir de ornato à janela, mas, “sabe satisfazer-me em tudo o q pertence ao go | verno da casa, meu e seu arranjo, por ser este o seu genio e a sua | criação”.<sup>41</sup> Luís Joaquim e Ana Maria tiveram três filhos, os quais tiveram seus nascimentos registrados nas cartas enviadas a Lisboa.

Além do casamento, outras mudanças acalmaram seus ânimos pessoais, como por exemplo, os novos cargos. Em 1817 recebeu mercês e foi nomeado oficial da

<sup>37</sup> EDLER, Sandra. **Luto e melancolia**: à sombra do espetáculo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 20-21.

<sup>38</sup> PT-BA. 54-VI-12\_59b

<sup>39</sup> PT-BA. 54-VI-12\_73a.

<sup>40</sup> Segundo Rodolfo Garcia “[...] o sogro vivia de suas posses, que juntara havia muitos anos em negócios para Lisboa e portos do Brasil; era homem de bom conceito, conhecido e respeitado de grandes personagens da corte do Rio de Janeiro”. GARCIA, Rodolfo. Introdução. In: \_\_\_\_\_. Cartas de Luiz Joaquim dos [...] *Anais da Biblioteca Nacional*. [...] p. 12-13.

<sup>41</sup> PT-BA. 54-VI-12\_73a

Secretaria de Estados dos Negócios Estrangeiros do Reino, sem deixar as atividades da biblioteca. Luís Joaquim permaneceu como oficial até 1821, quando voltou, exclusivamente, a atuar na biblioteca, acumulando as funções junto aos manuscritos e na Direção e Arranjo. Diante das conjunturas políticas passadas em Portugal e em alguns pontos do Brasil, tornou-se latente a exigência dos portugueses para a volta do rei. Porém, Marrocos não retornou com a parte da corte que novamente atravessou o oceano, aderindo, assim, a independência e foi graduado oficial-maior da Secretaria de Estado dos Negócios do Império em abril de 1824. Em 1831, já no período regencial, foi promovido a oficial-maior efetivo e passou a viver em Niterói, de acordo com Rodolfo Garcia.<sup>42</sup>

Nas primeiras impressões melancólicas de Marrocos, a nova capital mostrava-se incapaz de substituir Lisboa, sendo descrita, constantemente, como inóspita, mal cheirosa, habitada por más pessoas e promotora de distintas moléstias. Por isso, em 1811, Marrocos enfatizou suas preocupações, caso a família resolvesse viver no Brasil. No entanto, com as mudanças, que apontamos acima, percebemos uma inversão em seu discurso, no qual Lisboa foi substituída pelo Rio de Janeiro. Em julho de 1819, pela primeira vez, Luís Joaquim convidou a família a morar no Brasil. Vale destacar que o convite foi feito após receber uma carta do pai, na qual relatava os inúmeros problemas que a família estava enfrentando. Assim, escreveu,

[...] eu julgaria com maior circustancia de minhas fortunas que V.M.<sup>cc</sup> dirigisse as | suas vistas futuras em se transportar com toda a nossa | familia para este continente e minha companhia, || e ainda me animo a dizer que livre de apertos ver | gonhosos taõ humilhantes para o nosso brio.<sup>43</sup>

No mês seguinte, novamente dedicou-se a compor uma longa correspondência insistindo com o pai – “he este o momento de decidir. Trata-se de | hum negocio da maior importancia”.<sup>44</sup> Luís Joaquim compartilhou com o chefe da família que não tinha dúvidas de que o estabelecimento no Rio de Janeiro seria favorável para todos e melhor do que em Lisboa: “espero q V.M.<sup>cc</sup> | passe aqui o resto de seus dias mais alegre e mais

<sup>42</sup> GARCIA, Rodolfo. Introdução. In: \_\_\_\_\_. Cartas de Luiz Joaquim dos [...] *Anais da Biblioteca Nacional*. [...]. p. 15-16.

<sup>43</sup> PT-BA. 54-VI-12\_141b

<sup>44</sup> PT-BA. 54-VI-12\_145l.

tranquillo. | Offerece-se-lhe a grande vantagem de apparecer e fallar todos os | dias a S. Mag.<sup>e</sup>, q summamente se alegra quando observa estas | demonstraçoés de amor nos seus vassallos”.<sup>45</sup> No Rio de Janeiro os entes amados passariam melhor e com a vantagem de participar das sociabilidades do rei.

Na continuidade da carta, Marrocos disse que a família não deveria temer a travessia, apresentando um discurso muito diferente do manifestado em 1811 – quando a memória temerosa da viagem ainda era evidente. Além disso, compartilhou que sua aversão ao Brasil, tinha sido fruto de uma antecipada constatação,

Confesso a V. M.<sup>cc</sup> q nunca o meu coração se revestio de || tanta candura, nem se exprimio com tanto ardor e efficacia, | como agora mesmo, em q rógo a V. M.<sup>cc</sup> queira ponderar com a | a mais profunda madureza sobre o projeto de huma subsisten | cia mais tranquilla, feliz e segura.<sup>46</sup>

A longa carta de agosto, ainda apresentou severas críticas a Lisboa – “Saia pois V.M.<sup>cc</sup> de hum lethargo taõ desgraçado, em q há tan | tos annos tem vivido e gemido: deixe huma terra, q lhe não he | prospera, e q o tem feito recuar na sua carreira”.<sup>47</sup> Com estas expressões, Luís Joaquim radicalmente rompeu com Lisboa e mostrou aos familiares que o Rio de Janeiro traria mais alegria e dias mais descansados. Por isso, implorou: “Desejo pois com a maior impaciencia q V. M.<sup>cc</sup> me envie | a resposta, q lhe merecer o conteudo desta minha Carta, pela | qual fico ansiosamente esperando”.<sup>48</sup>

As próximas cartas revelam que todo o entusiasmo do filho foi ignorado pelo pai. Da longa missiva-convite, até a última carta que compõe o acervo, a chamada ao Brasil não foi refeita e a troca epistolar diminuiu em tamanho e frequência. O bibliotecário chegou ao ponto de questionar se a ausência de cartas do pai era proveniente da falta de papel – “quando tiver a oportunidade de portador e Navio se | guro, enviarei a V. M.<sup>cc</sup> huma porção de papel, q aqui te | nho junto, para V. M.<sup>cc</sup> se servir delle quando me escrever, | pois me parece q he por semelhante falta q V. M.<sup>cc</sup> se

---

<sup>45</sup> PT-BA. 54-VI-12\_145f.

<sup>46</sup> PT-BA. 54-VI-12\_145i e 145j.

<sup>47</sup> PT-BA. 54-VI-12\_145m.

<sup>48</sup> PT-BA. 54-VI-12\_145k.

nao estende nas suas Cartas”.<sup>49</sup> A leitura das últimas cartas que compõe o epistolário de Luís Joaquim revelam um esfriamento da relação entre o filho e pai, como fruto do rompimento do pacto epistolar, pois Marrocos não era contemplado com as devidas respostas. Na carta de agosto de 1820, um ano após o entusiasta convite, o filho lamentou por não ter recebido nenhum comentário do progenitor em relação aos seus planos para a família no Rio de Janeiro, sentindo-se rejeitado – “e me admiro de q V. M.<sup>cc</sup> não desse a verda | deira intelligencia ao q eu a seu respeito disse na m.<sup>a</sup> extensa Car | ta de Agosto do anno passado”.<sup>50</sup>

Na última carta que compõe o acervo, o bibliotecário declarou que já não escreveria tanto ao pai, optando por não o incomodar com suas insistentes cartas, pois não entendia o silêncio epistolar. Os motivos da quietude do pai podem ser variados: desde ciúmes do sucesso que o filho conseguira na nova corte a uma reação melancólica diante das saudades. Entretanto, embora o pai não respondesse todas as cartas, ele teve um assíduo cuidado com cada missiva que desembarcou em Lisboa. Francisco Marrocos não deixou de ser funcionário da Real Biblioteca da Ajuda, com isso, guardou a correspondência do filho no seu local de trabalho e ali as missivas permanecem até hoje. Ao deixá-las, intencionalmente ou não, na Biblioteca da Ajuda, Francisco Marrocos ofereceu à História um rico presente, já que o epistolário é uma importante fonte para os estudos das sociabilidades da gênese da nova capital do império português.

---

<sup>49</sup> PT-BA. 54-VI-12\_161b.

<sup>50</sup> PT-BA. 54-VI-12\_165c.